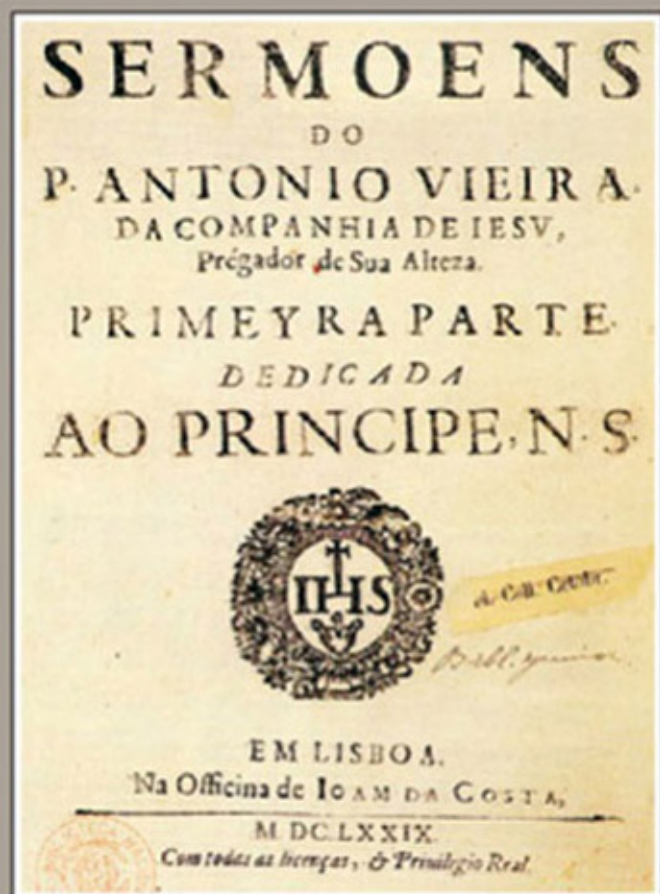


Teófilo Braga

# HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA

OS SEISCENTISTAS

Vol. III



temas portugueses

## ACTUALIZAÇÃO DO TEXTO

por *JORGE DE FIGUEIREDO*

A parte poética e as transcrições de obras portuguesas, feitas pelo autor, são respeitadas, na sua maioria, por razões óbvias. As citações de obras estrangeiras sofreram, porém, as convenientes actualizações.

O plano da incorporação de Portugal na unificação ibérica, prosseguido pelo *germanismo* da Casa de Áustria pelos casamentos reais, Filipe II realizou-o habilmente, fazendo-se aclamar por cláusulas de parentesco nas cortes de Tomar. Daí a estabilidade do seu domínio de 1580 a 1598, tendo evitado sempre afrontar o *sentimento da nacionalidade*. Por sua morte, o *castelhanismo* asfixiante e absorvente veio acordar-nos o sentimento da pátria, a aspiração da independência nacional, a que o equilíbrio europeu deu o relevo da Revolução de 1640. Este grande fenómeno moral e histórico ocupa todo o século XVII e reflecte-se vivamente na elaboração literária dos *Seiscentistas*.

A história deste período não está completa nos feitos de armas e vitórias gloriosas; houve uma luta do sentimento nacional contra a imposição da *língua castelhana* sustentada pelas esplêndidas obras da literatura espanhola, criações geniais que foram continuamente impressas, às vezes em edições primeiras, em tipografias portuguesas; e também pela atracção dos talentos lusos para a cooperação das *comédias famosas*, escritas nessa linguagem enfática e pomposa, representadas nas cenas de Madrid, Valladolid e Sevilha. O predomínio da língua castelhana apagou desastrosamente as literaturas da Galiza, de Aragão, de Valência; salvou-se a literatura portuguesa pela reacção dos espíritos cultos *seiscentistas* apoiando a expressão do sentimento nacional pela revivescência dos modelos clássicos quinhentistas. Vinte e sete anos foram precisos para firmar-se a libertação de 1640; mas o *castelhanismo* infiltrara-se na literatura portuguesa desde o século XI (*Cancioneiro Geral*, de Resende), e por todo o século XVI por pragmática cortesanesca (poetas bilingues, como Sá de Miranda, Gil Vicente, D. Manuel de Portugal, etc.). Desse

envenenamento do culteranismo se libertou uma plêiada de escritores seiscentistas: FRANCISCO RODRIGUES LOBO, que difundiu no *Condestabre* a esperança da restauração nacional; FR. LUÍS DE SOUSA, vindicando a supremacia da língua pátria pelo purismo quinhentista; D. FRANCISCO MANUEL DE MELO, que sustentou na Europa com os seus libelos eloquentes a causa da autonomia de Portugal e revelando o alto génio da história; BRÁS GARCIA DE MASCARENHAS, acordando a tradição épica de *Viriato* e dando-lhe vida nas porfiadas lutas de guerrilhas nas fronteiras; o P.<sup>e</sup> ANTÓNIO VIEIRA, movendo-se entre as intrigas diplomáticas dos casamentos e sonhos do Quinto Império para sustentar o trono de D. João IV. O estado da alma portuguesa aparece-nos na austeridade ascética em FR. ANTÓNIO DAS CHAGAS, e na exaltação amorosa molinosista de SOROR MARIANA ALCOFORADO desvenda-se a influência francesa, conduzindo-nos para um maior contacto com o *século excepcional*. Esta riqueza de material fez-nos quebrar as proporções de uma recapitulação.

## SEGUNDA ÉPOCA

### RENASCENÇA

*(continuação)*

#### 2.º PERÍODO: OS SEISCENTISTAS

(SÉCULO XVII)

Coordenar a história das ideias, mesmo na sua forma mais próxima das emoções afectivas como as que procuram a expressão da literatura e da arte, é nada menos que determinar os motivos da actividade social convergindo para o carácter da civilização. As ideias preponderantes no século XVII são o desenvolvimento do fenómeno histórico do século anterior, em que pela Renascença clássica e pelo protestantismo se tornou patente o facto da dissolução do regime católico-feudal, que dirigira a Europa desde o século XI. Contra o poder temporal do feudalismo, compreendendo também sob este nome a realeza, levantaram-se as comunas, que foram capciosamente submetidas à unificação monárquica das dinastias do século XVI, primeiro pelos códigos romanistas, depois pelos exércitos permanentes; contra o poder espiritual da Igreja, apareceram as descobertas científicas da astronomia e reataram-se os estudos da natureza pela continuidade das noções positivas da Grécia, e pelo estabelecimen-

to do critério da observação em vez da credulidade autoritária. No século xvii, em verdade, o velho poder temporal sofre uma transformação profunda depois do triunfo da revolução dos Países Baixos, depois da desmembração da Casa de Áustria, depois da revolução de Inglaterra, mas subsiste na forma hereditária e pessoal, em antagonismo contra o poder espiritual da Igreja, que, pela acção retrógrada dos Jesuítas, visava ao restabelecimento da sua absurda teocracia. É esta situação ambígua e hostil dos dois poderes, que nos explica as aparentes contradições da evolução do século xvii. A Renascença, restabelecendo e imitando a cultura da Grécia e de Roma, renega toda a Idade Média, especialmente na literatura; todas essas criações sentimentais e artísticas da transição medieval foram consideradas bárbaras, desconhecendo-se as suas relações vitais com a sociedade moderna e proclamando-se a imitação dos modelos clássicos da Grécia e de Roma. A Igreja, que renegara a Antiguidade, teve de adaptar-se ao espírito da Renascença; os Jesuítas, querendo fortalecer o papado, e vendo a corrente histórica do estudo das humanidades, essencialmente secular, organizaram-se para se apoderarem do ensino público europeu, abriram colégios e ensinaram as exclusivas disciplinas literárias da civilização que a própria Igreja condenara. O carácter decadente das literaturas ocidentais no século xvii, por isso que é comum e simultâneo, revela também esta causa comum. Os Jesuítas ficaram directores exclusivos da cultura literária ou humanista, ao passo que o estudo das ciências adquiria um desenvolvimento espontâneo alheio à sua influência, e até certo ponto em acordo com as monarquias absolutas.

É esta a segunda fase do século xvii, e a que preponderou na civilização europeia; Comte explica a organização científica pela necessidade consultiva do poder monárquico, que precisava ter apoio e direcção na sua acção absorvente e unitária; assim se reconhecia implicitamente a superioridade das ideias científicas e positivas sobre as ideias teológicas e metafísicas. «Pouco a pouco, o que os reis haviam considerado como uma coisa louvável de fazer, foram levados a considerá-lo como um dever, e reconheceram a obrigação de promover as ciências e de se submeter às decisões dos sábios. O estabelecimento da Academia das Ciências, instituída sob Luís XIV pelo ministro Colbert, é uma declaração deste princípio. — O número de academias multipli-

cou-se prodigiosamente desde esta época sobre todos os pontos do território europeu, e pela acção da competência científica sobre os espíritos, constituem-se de uma maneira regular e legal. A sua autoridade política aumentou em uma proporção análoga, exercendo uma influência directa, sempre crescente sobre a direcção da educação nacional. — Torna-se essencial observar, que ao mesmo tempo que a acção científica se constituiu e estendeu de cada vez mais em cada nação europeia considerada isoladamente, a combinação das forças científicas dos diferentes países efectuou-se também de cada vez mais. O sentimento da nacionalidade foi (sob esta relação) totalmente afastado, e os sábios de todas as partes da Europa formaram uma liga indissolúvel, que tendeu sempre para tornar europeus todos os progressos científicos alcançados em cada ponto particular.»<sup>1</sup> Vencera o espírito crítico da Reforma no campo da ciência experimental; enquanto os Jesuítas estafam a razão com o seu humanismo estéril sob as fórmulas do aristotelismo alexandrista, formam-se corporações de homens instruídos congregados para as observações dos fenómenos da natureza, consignam as descobertas em gazetas e cartas que circulam pela Europa, e enquanto a falsa ideia do *equilíbrio europeu* separa os povos com ódios internacionais, a razão crítica estabelece a unanimidade dos espíritos, sendo Descartes o que, pela audácia das suas sínteses, deu a convergência ao espírito científico moderno. A ciência conservava a condenação do teologismo, e por isso fortificava-se nas academias protegidas pela realeza ou nos países democráticos como a Holanda.

Compreende-se como nos países católicos a corrente científica devia ser suplantada pelo *humanismo* da educação jesuítica. A literatura tornou-se uma ocupação de ociosos, sem relação com os interesses morais e sociais do tempo, formando-se academias reaccionárias e pedantescas, que, em Espanha, propagaram o *culteranismo*, e, na Itália, o *marinismo* ou os *concetti*. Em Portugal, vemos uma nacionalidade extinta pela ocupação castelhana, de

---

<sup>1</sup> Opúsculo de Comte, de 1820, ap. *Système de Politique positive*, t. IV, *Ap. gen.*, p. 34. Estas ideias aparecem em Cournot, *Considerations sur la marche des Idées*, t. II, p. 263, não obstante atacar dialecticamente as doutrinas de Augusto Comte.

1580; vemos essa nacionalidade recuperar a sua independência em 1640; lutar pela sua autonomia nas campanhas do Alentejo, mas a literatura cultivada em numerosas academias é totalmente estranha a estes interesses. Portugal, liberto pelo influxo da França do domínio castelhano da Casa de Áustria, ficou sob os Braganças uma colónia dos Jesuítas; a história da nossa literatura no século XVII é síntese desta decadência.

## § I

### SINCRETISMO DA INFLUÊNCIA ITALIANA E ESPANHOLA EM PORTUGAL

O exagero da imitação clássica, quer por via do estudo directo das literaturas greco-romanas, quer pela admiração reflexa dos poetas italianos, produziu uma natural reacção que se observa em França com Malherbe reagindo contra os neologismos eruditos de Ronsard, com Balzac procurando o purismo da frase, com Du Bartas adoptando uma desusada liberdade no emprego das figuras retóricas. Porém, essa reacção apresenta o seu maior vigor em Espanha, onde o génio oriental irrompe na imaginação andaluza de Góngora, e se impõe pela pompa deslumbrante das imagens poéticas exprimindo as ideias vulgares. O novo gosto inspira-se na natureza, mas embelezando-a convencionalmente; e esse artifício procurado com estudo é um sinal de cultura do espírito, que não sente a graça sem lhe dar a forma pitoresca do conceito. A nova corrente literária propagou-se a toda a Europa; na Itália, Marini, «espanhol de origem e educação» como diz Cantu, é o chefe dos *conzettiste*, e na França os *culturistas* ditam as leis do gosto afectado nas intimidades do hotel Rambouillet, que Molière retratou nas *Preciosas Ridículas*; em Inglaterra, Lyly propaga este falso estilo literário com o nome de *Eufuismo*. À universalidade da influência italiana da Renascença, corresponde esta reacção do *culteranismo espanhol*, sistematizado em regras dogmáticas pelo jesuíta Baltasar Gracian nas suas *Agudezas de Ingénio*. Dava-se o nome de *ingénio* à vã habilitade de converter em figuras de retórica todas as situações morais ou materiais, corrigindo a realidade não por um ideal mas pelo equívoco, pelo paralogismo, pela redundância, pelo eufuismo.



# ÍNDICE

Vol. III

Os escritores do século xvii vencem o castelhanismo.....	9
----------------------------------------------------------	---

---

## SEGUNDA ÉPOCA

### RENASCENÇA

(*continuação*)

#### 2.º PERÍODO: OS SEISCENTISTAS

(século xvii)

As ideias preponderantes no século xvii são a sequência da Renascença .....	11
Acção retrógrada dos Jesuítas; seu influxo pelo ensino público .....	12
Desenvolvimento das ciências e fundação de academias.....	12
Triunfa o espírito da Reforma.....	13
Nos países católicos a corrente científica é suplantada pelo humanismo .....	13

#### § I

#### SINCRETISMO DA INFLUÊNCIA ITALIANA E ESPANHOLA EM PORTUGAL

O exagero da imitação clássica suscita a reacção da livre fantasia .....	14
O culteranismo espanhol influi em todas as literaturas .....	14
As academias particulares .....	16
Quadro geral da influência culteranista .....	16
A literatura francesa apropria-se das comédias e novelas espanholas .....	17

A reacção do cartesianismo contra o formalismo da escolástica; ataque à <i>Poética</i> de Aristóteles .....	19
Proto-romantismo do século XVII .....	20

### 1.º Os poetas líricos

Os dois aspectos do lirismo: gongórico e camonianiano .....	20
-------------------------------------------------------------	----

#### A) Os líricos camonianos

##### FRANCISCO RODRIGUES LOBO

Leiria, uma verdadeira arcádia em que nasce o poeta .....	21
O seu bucolismo natural .....	22

1.º <i>Nascimento, mocidade e amores de Francisco Rodrigues Lobo (1579 a 1604)</i> .....	22
Fixação do seu nascimento em 1579 .....	23
Preponderância da família do duque de Vila Real .....	24
Intimidade do poeta com a ilustre família .....	25
Tradição dos amores com uma dama do palácio ducal .....	26
Alusão do poeta a esses loucos amores .....	27
D. Antónia de Meneses, filha natural do marquês de Vila Real	30
O criptónimo de <i>Theonia</i> , <i>Latonia</i> e <i>Dionea</i> nos romances, novela e égloga .....	30
— Filha de um antigo pastor da ribeira do Lis .....	32
Filha natural do marquês, casou com seu primo D. Carlos de Meneses .....	32
Os loucos amores passaram-se entre 1598 e 1605 .....	33
Quão pouco tempo dura uma alegria .....	33
Saída para os estudos de Coimbra em 1593 .....	35
Imita as canções de Cristóvão Falcão .....	37
Como terminaram os amores .....	39
Carta faceta de Soropita mofando dos amores do primo .....	40
Matriculado nas Escolas Maiores em Outubro de 1594 .....	44
— Em 20 de Novembro de 1595, no curso dos legistas .....	44
Imita os romances maurescos .....	46
O gosto das redondilhas no século XVII .....	49
Frequenta em 1597-1598 o segundo ano de Leis .....	51
Peste em Coimbra e Leiria: vai completar a frequência ao Mosteiro da Batalha .....	51
Recebe o grau de bacharel em 13 de Maio de 1602 .....	52
Amizades com o velho lente Fr. Luís de Souto Mayor .....	53

Publicação das suas <i>Églogas</i> em 1605 .....	54
Faria e Sousa ataca sem fundamento a originalidade de Lobo	54
Interpretação do <i>Sileno</i> pela situação de Theonia .....	55
Perigos do seu amor .....	57
Despedida de Coimbra .....	61
2.º <i>Vida literária em Leiria: inspirado pelo sentimento nacional, é em-</i> <i>polgado pelo castelhanismo. Morte desastrosa (1604-1622) .....</i>	
Lembrança da agitação das Escolas .....	62
Pelo casamento do marquês de Vila Real, Leiria torna-se um centro de sociabilidade (1604) .....	63
Dedica o poema do <i>Condestabre</i> a D. Teodósio II .....	64
Continua em 1608 no <i>Pastor Peregrino</i> o encanto da <i>Primavera</i>	64
Em 1614 termina com o <i>Desenganado</i> a idealização novelesca	67
No <i>Condestabre</i> alude ao nascimento de D. João IV e às espe- ranças sebásticas .....	68
Sentimento que o leva a reproduzir a <i>Eufrosina</i> .....	71
A <i>Corte na Aldeia</i> , dedicada a D. Duarte, irmão do duque D. Teo- dósio .....	72
Viagem de Filipe III a Lisboa em 1619 .....	74
O marquês de Vila Real é feito duque de Caminha .....	74
Lobo escreve em romances castelhanos a <i>Jornada</i> de Filipe III a Lisboa (influxo do duque de Caminha) .....	75
O efeito da visita régia .....	75
Filipe III, após o regresso, em 20 de Fevereiro de 1621 .....	78
Lobo ainda elogia em um soneto o sermão das exéquias em Por- talegre, em Maio de 1621 .....	78
Soneto encomiástico ao <i>Tratado</i> de Aleixo de Meneses de 1623 traz <i>Ultimo que hizo en su vida</i> .....	78
Na tradução da <i>Corte na Aldeia</i> , publicada em 8 de Novembro de 1622, já o tradutor Juan Bautista Morando dá o autor como no céu repousando em paz .....	79
Soneto de D. Tomás de Noronha à morte de Lobo .....	80
Por documentos da Inquisição, sabe-se que Soropita era de ori- gem judaica .....	81
Em outro soneto diz que a sua morte natural seria queimado	81
Pressentimentos do poeta sobre a sua morte .....	86
Pela sua morte no Tejo, lhe foi atribuído o soneto de Camões <i>Formoso Tejo meu</i> .....	87

#### D. FRANCISCO MANUEL DE MELO

Duas épocas diferentes na sua actividade literária .....	88
No cárcere liberta-se da vesânia do culteranismo .....	89

Sá de Miranda, Gil Vicente e Camões orientam o seu gosto poético .....	90
O conhecimento da linguagem popular dá-lhe a estrutura da prosa portuguesa .....	90
1.º <i>Data autêntica do seu nascimento. Educação jesuítica e vida soldadesca. Actividade incessante nas armadas. Combates, naufrágios e intrigas da corte (1608 a 1641)</i> .....	91
Nasceu em 23 de Novembro de 1608, em Lisboa .....	91
Seus pais D. Luís Manuel de Melo e D. Maria de Toledo Maçuelos .....	91
D. Luís de Melo parte em 1612 para a ilha de S. Miguel, e aí morre repentinamente em 1615 .....	92
A orfandade prematura na vida de D. Francisco Manuel .....	92
Em 1620 é internado no Colégio de Santo Antão .....	92
Elementos da sua educação: P.º Baltasar Teles .....	93
Liberto da compressão colegial, aos 17 anos dispõe de si e aceita a vida militar .....	94
Assenta praça em 1626 na Companhia dos Aventureiros, da Gente de Mar e Guerra .....	94
O espírito militar da <i>bonne aventure</i> .....	95
Serve na armada da coroa sob comando de D. Manuel de Meneses .....	95
Naufrágio nas costas de França em 14 de Janeiro de 1627 .....	95
Descrição viva nas <i>Epanáforas</i> .....	95
Visita Madrid pela primeira vez, após o naufrágio .....	98
Regressa a Lisboa em 1628 publica <i>Doze Sonetos à Morte de Inês de Castro</i> .....	98
Embarca na Primavera de 1629 a comboiar as naus da Índia	99
Normas de pretendente e galanteador .....	99
Estava na corte de Madrid em 6 de Julho de 1634 .....	100
Portaria de 11 de Dezembro de 1634 para lhe ser lançado o hábito de Cristo, completando quatro viagens na armada da Coroa .....	102
Falece sua mãe em 13 de Fevereiro de 1636 e dias depois sua irmã .....	103
Vai para Madrid e aproxima-se de Quevedo .....	104
Serve secretamente o duque de Bragança na corte de Filipe IV	104
Carta de 4 de Outubro de 1636 a D. Francisco Quevedo .....	105
Estava em Madrid em 1637 quando se recebeu notícia do tumulto de Évora .....	106
Mandado acompanhar o conde de Linhares a Portugal .....	107
Prestígio das <i>Profecias do Encoberto</i> .....	109
Volta a Madrid a informar o conde-duque .....	109

Publica em 1638 a <i>Política Militar</i> .....	110
Como se fazia o levantamento de tropas .....	111
Acompanha em 27 de Agosto de 1639 a armada que leva as tropas para os Países Baixos .....	112
Grande combate naval com os Holandeses .....	113
Redige a <i>Relação do Conflito do Canal</i> .....	114
Jornada de Flandres para Castela, daí a Aragão até à guerra da Catalunha .....	114
Chega à Catalunha a notícia da Revolução do 1.º de Dezembro de 1640 .....	116
D. Francisco Manuel de Melo é preso em Madrid durante quatro meses .....	116
Para fugir de Espanha, requereu promoção, sendo despachado governador da Praça de Ostende .....	117
Foge para Inglaterra e frequenta a corte de Carlos I. ....	118
O embaixador português na Holanda convida-o para ir organizar a armada de socorro a Portugal .....	118
Comunica os seus versos à Princesa Palatina .....	118
A partida da armada de socorro sob seu comando .....	119
Chegada a Lisboa .....	120
São desconsiderados todos os seus grandes serviços .....	121
2.º <i>A Revolução de 1640 no quadro da Guerra dos Trinta Anos. A repressão sangrenta da nobreza por D. João IV garante-lhe a estabilidade interior. Chega a Lisboa D. Francisco Manuel de Melo com a armada de socorro. O rei afasta-o dos comandos superiores. Sua intimidade nos divertimentos musicais e literários da corte. O conde de Vila Nova e a lenda dos amores de D. Francisco Manuel. Prisão e julgamento iníquo em três instâncias. Últimas esperanças mentidas de D. João IV</i> .....	121
A perda da nacionalidade portuguesa consequência da formação da grande monarquia espanhola .....	121
A Revolução de Portugal, resultante do seu desmembramento	122
Aliada natural de todos os inimigos de Espanha .....	122
Chamados os comendadores e conselheiros das ordens militares a Madrid em Agosto de 1640, o duque de Bragança sabe que não voltará a Portugal e prefere a eventualidade da Revolução .....	123
Como explica a sua ascensão ao trono .....	124
O sentimento nacional acerca do domínio castelhano .....	125
As esperanças sebásticas e as trovas proféticas .....	125
João Pinto Ribeiro, alma da Revolução .....	126
O eterno divórcio dos dois povos .....	127

A execução do marquês de Vila Real e seu filho, o jovem duque de Caminha .....	132
Malevolência contra D. Francisco Manuel de Melo .....	133
Afastado dos comandos militares superiores .....	135
Má interpretação das mercês que solicitara .....	137
Como ele se justifica .....	138
Começo do ódio do conde de Vila Nova contra D. Francisco Manuel .....	140
Processo contra o secretário Francisco de Lucena contra o qual D. Francisco Manuel se escusa de depor .....	140
Condenação de D. Agostinho Manuel, seu tio .....	142
O antigo partido espanhol no paço .....	142
Primeiro projecto de casamento do duque de Bragança .....	143
Debalde se procura incriminar de traidor .....	144
Sua defesa em uma declamação jurídica .....	144
Inactividade de D. Francisco, no seu recanto do Rossio .....	144
Lacuna de 1629 até 1633 na documentação da vida de D. Francisco Manuel .....	144
Depois do terrível naufrágio, projecta trocar a carreira das armas pela das letras, e vai para Coimbra .....	144
Confirma-o o Soneto CI da <i>Lira de Clío</i> .....	144
Visita o solar do conde de Sortelha, em Góis, onde viu D. Branca da Silveira ( <i>nueva la vi</i> ) .....	144
Para acudir à tomada da Baía pelos holandeses, parte o general Oquendo, em 30 de Abril de 1631: D. Francisco Manuel apresenta-se para ir .....	145
Fundamento no Soneto XLV, <i>Apóstrofe à Estrela do Norte</i> .....	145
Não regressou logo com a armada de Oquendo, pelo que foi julgado .....	145
Recordações da vida alegre de 1641 a 1644 .....	147
Encontro com D. Branca da Silveira, já casada com seu tio D. Gregório, conde de Vila Nova .....	153
Poesias de D. Francisco Manuel sobre esta psicose .....	154
Discórdia do conde de Vila Nova com a esposa por causa das antigas relações com a criada Helena da Cunha .....	160
Francisco Cardoso, genro de Helena da Cunha, assassinado ...	160
O conde de Vila Nova fizera-o seu mordomo pelo casamento com Helena da Cunha .....	160
Prisão de D. Francisco Manuel em 19 de Novembro de 1644	161
Versos sarcásticos feitos a Helena da Cunha .....	162
Alusão ao amor das criadas na <i>Carta de Guia de Casados</i> .....	164
Intimidade literária e artística com D. João IV .....	166
Comédia em música ou drama cantado .....	167
Intrigas e rivalidades da corte .....	168

Quare? (Por que motivo?) divisa sua, depois de preso .....	170
A tradição dos ciúmes de D. João IV .....	170
Os negativismos de Prestage .....	172
Os dois memoriais a D. João IV .....	173
O mais extenso não foi apresentado; somente brevíssimo ou segundo (achado no Arquivo Silvã) .....	174
A rainha D. Leonor de Gusmão domina D. João IV .....	176
O rancor do conde de Vila Nova .....	177
As intrigas do criado facínora João Vicente .....	178
Marcos Ribeiro mandante do assassinato de Francisco Cardoso .....	179
Iniquidades e nulidades do processo contra D. Francisco Manuel .....	180
Julgado em três instâncias no Juízo dos Cavaleiros, D. João IV condenou-o a degredo perpétuo para o Brasil .....	182
O mistério da intriga de mulheres .....	183
3.º <i>Anos de prisão e desterro. A Mesa da Consciência e Ordens influi no monstruoso processo. A terceira instância e a acção directa de D. João IV. Trabalhos literários de D. Francisco Manuel na Torre de Belém (1644 a 1646), na Torre Velha (1650 a 1653) e no castelo de Lisboa (1650 a 1653). Partida para o degredo no Brasil (17 de Abril de 1655) .....</i>	
A Mesa da Consciência, onnipotente .....	184
<i>Mesa de Thyestes</i> .....	185
O julgamento da primeira instância, sem ser ouvido .....	185
Preso em S. Vicente de Restelo escreve e publica a <i>Guerra da Catalunha</i> .....	186
O pseudónimo Clemente Libertino .....	186
Carlos de Noronha, presidente da Mesa da Consciência e Ordens, alma danada do processo .....	188
A condenação em segunda instância .....	190
O arbítrio real em terceira instância .....	190
A filha ilegítima de D. João IV intercede .....	191
É transferido para o castelo de Lisboa .....	201
Recorre ao príncipe D. Teodósio, ignorando a dissidência com el-rei seu pai .....	209
A carta de intercessão de Ana de Áustria, sem efeito .....	211
A política francesa .....	212
D. João IV homologa os votos consultivos da terceira instância .....	219
Nos últimos meses da prisão da Torre Velha escreve a <i>Carta de Guia de Casados</i> .....	220
D. João IV encarrega-o de escrever a <i>História do Duque D. Teodósio</i> .....	222
— O <i>Manifesto dos Palatinos</i> .....	223
— Versos para o rei pôr em música .....	227

É-lhe emprestada a obra de D. João IV <i>Defensa de la Musica</i> .....	229	
Petição jocosa ao rei sobre a sua quinta de Entre-os-Rios .....	234	
Antes de partir para o degredo do Brasil é-lhe concedido passar alguns meses na sua quinta de Entre-os-Rios .....	235	
Aí teve relações com Luísa da Silva da qual houve o filho natural Jorge Diogo de Melo .....	236	
O governador de Entre Douro e Minho pede a D. João IV a mercê de mudar-lhe o desterro do Brasil para uma das fronteiras do Reino .....	238	
Parte na armada do Brasil em 17 de Abril de 1655 .....	238	
Na Baía refugia-se nos seus trabalhos literários, <i>Apólogos Diálogos</i> , <i>Epanáfora</i> .....	239	
Sem recursos, fez algum negócio de açúcar para Angola .....	240	
A morte de D. João IV em 6 de Novembro de 1556 .....	241	
4.º <i>Quebrantando o degredo perpétuo, embarca para Portugal em Março de 1658. Arribada à ilha de S. Miguel em Junho. Acha-se em Lisboa em 1659. Frequenta a Academia dos Generosos. Pela aclamação de Afonso VI e governo de Castelo Melhor é-lhe perdoado o quebrantamento do degredo e restituído às honras cívicas por carta de 30 de Julho de 1662. Missão política em Outubro: indo às cortes de Inglaterra, França, Parma e Roma. Regressa a Portugal em 1665. Vitória do partido do infante D. Pedro. Fallece em 13 de Outubro de 1666</i> .....		242
Carta a Cristóvão Soares de Abreu dando-lhe notícia da arribada à ilha de S. Miguel .....	242	
Pede-lhe informação do meio cortesanesco .....	242	
A situação política .....	243	
Demora-se na ilha de S. Miguel até princípios de 1659 .....	244	
No Colégio dos Jesuítas de Ponta Delgada teve conhecimento das <i>Saudades da Terra</i> , donde colheu a lenda de Machin e Ana de Arfet, sobre que escreveu a <i>Epanáfora Amorosa</i> ...	246	
A sua concepção da história .....	248	
Publica as <i>Epanáforas</i> em 1660 .....	249	
A falsa doação da ilha da Madeira à infanta D. Catarina para casar com Carlos II .....	250	
O dote de Tânger e Bombaim .....	251	
D. Luísa de Gusmão trabalha para substituir o príncipe D. Afonso pelo irmão o infante D. Pedro .....	252	
Como D. Afonso VI assume a soberania, tendo o conde de Castelo Melhor por primeiro-ministro .....	254	
Pelas festas da aclamação é indultado D. Francisco Manuel de Melo .....	255	
Missão diplomática de D. Francisco Manuel para negociar o casamento do rei .....	256	



Em 8 de Abril chega a Inglaterra.....	256
Descrição poética da sua viagem.....	257
Como o P. <sup>e</sup> Manuel Godinho o considerara.....	258
A sua permanência em Roma: trata de legitimar seu filho Jorge de Melo.....	263
A espionagem castelhana informa Filipe IV de todos os seus passos.....	264
Os casamentos de D. Afonso VI e de D. Pedro tratados simultaneamente (consequências).....	267
Em 14 de Outubro de 1664 ainda se achava em Roma imprimindo as <i>Cartas Familiares</i> .....	268
Nomeado deputado da Junta dos Três Estados; felicitado em 31 de Março de 1666.....	269
Falecimento em 13 de Outubro deste ano, consequências da queda sofrida.....	270
Não sofreu o pesar da queda do conde de Castelo Melhor e o espectáculo da degradação do triunfo do partido de D. Pedro II.....	270
A sátira contra a rainha incestuosa.....	275
A síntese da vida de D. Francisco Manuel de Melo.....	276

#### MANUEL DE FARIA E SOUSA

Errados pontos de vista de Camilo e Dr. Storck acerca deste escritor.....	276
Dados biográficos tirados dos seus textos.....	277
A tradição camoniana na sua família.....	277
Seu amor aos 14 anos com D. Catarina Machado.....	278
Perde a protecção do bispo do Porto, D. Fr. Gonçalo de Morais Casado sem recursos, acolhe-se à casa paterna.....	279
O sobrinho do bispo, tendo de ir para Madrid tomar posse do lugar no Conselho de Estado, leva-o em Março de 1619 como seu secretário.....	280
Viu em Lisboa as festas à chegada e visita de Filipe III.....	280
Nomeado secretário do Conselho de Portugal, trabalhando junto de Francisco de Lucena.....	280
Escreve um poema em 16 cantos da <i>Vida dos Reis Portugueses</i> , que converteu depois em prosa no <i>Epítome das Histórias Portuguesas</i> .....	281
Vem para Lisboa com o arcebispo governador do reino para servir como secretário do estado da Índia.....	282
O marquês de Castelo Rodrigo toma-o para seu secretário na Embaixada de Roma.....	282

Intimidade em Roma junto de Urbano VIII .....	283
É chamado a Madrid, sob prisão por inconfidência .....	284
Depois de três meses de prisão foi-lhe contrariada toda a tentativa de voltar a Portugal .....	285
Publica em 1638 o comentário dos <i>Lusíadas</i> , em que gastou vinte e cinco anos .....	285
Acusado à Inquisição pelos <i>Comentários</i> , salva-o Fr. Francisco Brandão .....	285
Lutas dos anticamoístas .....	287
O marquês de Montebelo acolhe-o nas suas doenças e faltas de recursos .....	288
Dedica em 1644 ao conde de Vila Nova a parte iv da <i>Fuente de Aganipe</i> .....	288
Serve D. João IV na pesquisa de composições musicais célebres	289
A sua correspondência, como se verifica pelas cartas a D. João IV, era exclusivamente musicográfica .....	290
Morre com cálculos na bexiga, no fígado e nos rins em Junho de 1649 .....	290
Os seus manuscritos foram trazidos para Portugal por seu filho Pedro de Faria .....	291

#### MANUEL DE AZEVEDO MORATO

Autor das oitavas <i>Sentimentos de D. Pedro e de D. Inês de Castro</i> , que apareceram anónimas na <i>Fénix Renascida</i> .....	292
Manuscrito do século xvii em que aparece com o nome de Manuel de Azevedo .....	293
Advogado dos presos da Inquisição de Coimbra em 1688 .....	294
Tornou-se célebre o poemeto pela burla da atribuição a D. Maria de Lara e Meneses, imaginária amante do infante D. Duarte	295
Sua metrificacão perfeita, mas gongórica .....	296
A burla da atribuição a D. Maria de Lara, em 1762, nasceu do intuito de autenticar literariamente a lenda genealógica do parentesco de um desconceituado Guilherme Joaquim Pais de Meneses com a Casa de Bragança .....	298
Na <i>História do Infante D. Duarte</i> , Ramos Coelho deixou a descoberto este embuste .....	301

#### B) Os líricos culteranistas

ANTÓNIO DA FONSECA SOARES  
(FR. ANTÓNIO DAS CHAGAS)

O tropel dos poetas romancistas .....	302
---------------------------------------	-----

## 2.º Os poetas épicos

Prestígio dos <i>Lusíadas</i> .....	338
-------------------------------------	-----

### A) Tassistas e camoístas

#### GABRIEL PEREIRA DE CASTRO

Jurisconsulto, lente e chanceler-mor do reino por Filipe IV .....	339
Nasce em Braga em 1571 .....	339
Documentos inéditos de sua vida .....	340
Condenou Simão Pires Solis, suposto autor do desacato de Santa Engrácia .....	343
Deixou a <i>Ulisseia</i> inédita, sendo publicada por seu irmão Luís Pereira .....	343
Os seus melhores versos são reminiscências dos <i>Lusíadas</i> .....	344
Juízo de D. Francisco Manuel .....	345
<i>Francisco Rodrigues Lobo</i> — No <i>Condestabre</i> glorifica a Casa de Bragança .....	347
Numerosas obras literárias dedicadas ao duque D. Teodósio	347
D. Francisco Manuel fala da sua morte <i>afogado no Tejo</i> .....	349
<i>Manuel Tomás</i> — Nasce em Guimarães em 1585 .....	349
Viveu na ilha da Madeira, cônego na Sé do Funchal .....	350
Precocidade de um seu avoengo .....	351
No seu poema <i>Insulana</i> trata a lenda de Machin e o descobrimento da ilha da Madeira .....	352
<i>Francisco de Sá de Meneses</i> — O seu poema <i>Conquista de Malaca</i>	353
A tradição oriental dessa conquista dava um belo poema .....	354

#### BRÁS GARCIA DE MASCARENHAS

O conhecimento da vida do poeta e do seu meio beirão dá uma nova luz ao poema <i>Viriato Trágico</i> .....	357
Em volta dos traços biográficos de Bento Madeira de Castro se agrupam as valiosas investigações do doutor António de Vasconcelos e Sanches de Frias .....	358
O Canto XV, autobiográfico, encaminha a reconstrução da sua vida .....	359
O seu amor por D. Cecília Madeira da Costa .....	367
Prisão em Coimbra, donde se evade audaciosamente em 1617	370
Refugia-se na corte de Madrid .....	371

1.º O <i>Capitão Bonina</i> . Nome dado a António Fonseca Soares, na vida mundana .....	303
Sua mãe, Helena Elvira de Zuniga, católica castelhana, vinda da Irlanda .....	303
Seu pai, o bacharel António Soares de Figueiroa, da Vidigueira	303
Nasceu em 25 de Junho de 1631 .....	304
Frequentou o colégio e universidade dos Jesuítas em Évora .....	304
A cultura humanista levou-o para a versificação, no gosto dos romances assonantados .....	304
Um duelo de amor, aos 20 anos, com um rival da mesma idade ( <i>defesa de desafiado</i> ) perturbou-lhe toda a vida .....	306
Refugia-se em Moura e aí assenta praça .....	306
Dedica versos ao príncipe D. Teodósio quando foi ao Alentejo	309
Depois de três anos de campanha embarca-se para o Brasil ....	312
Pela morte de D. João IV em 1656 regressa a Portugal .....	315
Toma parte na campanha de Olivença e conquista da Praça de Mourão .....	316
É um celebrado galanteador freirático .....	316
Tem renome de <i>Capitão Bonina</i> .....	320
Tem patente de capitão do terço de Setúbal em 20 de Janeiro de 1661 .....	321
Uma emboscada nocturna de que escapa leva-o a acolher-se ao sagrado .....	322
2.º <i>Jonas: soldado, poeta e frade</i> .....	322
Noviciado da vida monástica em 20 de Maio de 1652 .....	323
Professa em S. Francisco de Évora em 19 de Maio de 1663 .....	323
Nessa ocasião era tomada Évora por D. João de Áustria .....	323
No seu ascetismo lançam-lhe em rosto as aventuras galantes ....	324
Vieira ridiculariza a sua forma de pregar .....	325
Doutrina mística das suas cartas .....	325
As quatro elegias .....	329
Censura a situação moral de D. Pedro II .....	329
Defende o conde de Castelo Melhor exilado .....	330
Morre em 20 de Outubro de 1689 .....	330
<i>Soror Violante do Céu</i> .....	331
Nasce em Lisboa, em 30 de Março de 1608 .....	331
Celebra as festas religiosas em vilancicos e romances e em sone- tos e canções a vida da corte .....	331
É louvada no <i>Hospital das Letras</i> .....	332
<i>D. Francisco de Portugal</i> .....	334
D. Francisco Rolim de Moura .....	335
António Gomes de Oliveira .....	336
Poetas secundários referidos no <i>Hospital das Letras</i> .....	338

Aventuras no mar, lutando com um corsário argelino e roubado por uma nau holandesa .....	373
Voltando a Avô, sabe que D. Cecília Madeira vai casar com o cunhado de sua irmã D. Maria Madeira .....	374
Nesse ano de 1623 parte para o Brasil .....	375
Esteve na Baía e Olinda .....	375
Bate-se valentemente com os holandeses que tinham assaltado a Baía .....	377
Nove anos de importuna ausência .....	380
Com a boa nova da Revolução de 1640 apresenta-se em Lisboa a D. João IV .....	385
Comanda a guerrilha de mancebos nobres — <i>Companhia dos Leões</i> .....	386
Nomeado governador da Praça de Alfaiates, é preso por intrigas na Torre de Sabugal .....	388
Como vence os seus inimigos e é reintegrado por D. João IV ...	390
Seu casamento com D. Maria da Fonseca, afilhada e sobrinha de D. Cecília, seu primeiro amor .....	391
Como ele localizou a tradição de Viriato na Beira .....	392

#### B) Os novelistas

Generaliza-se o género <i>picaresco</i> .....	393
As novelas pastorais desenvolvem-se em alegorias e longas histórias morais .....	393
<i>História do Predestinado Peregrino</i> , de Bunyan .....	395
Influência das novelas de cavalaria nos poemas clássicos .....	395
Este aspecto no <i>Viriato Trágico</i> .....	395

#### 3.º Teatro

a) <i>Os pátios das comédias</i> — <i>Comédias de capa e espada</i> .....	397
Privilégio concedido ao Hospital de Todos-os-Santos .....	398
João de Matos Fragoso .....	400
Alferes Jacinto Cordeiro .....	400
António Henrique Gomes .....	401
Manuel Freire de Andrade .....	401
b) <i>As tragicomédias dos Jesuítas</i> .....	403
Representações na visita de Filipe III .....	404

c) A escola vicentina .....	405
<i>O Fidalgo Aprendiz</i> , seus elementos de realidade .....	406

## § II

### ACADEMIAS LITERÁRIAS E RENOVAÇÃO DOS ESTUDOS FILOLÓGICOS

Movimento científico fora das universidades .....	407
Institutos oficiais .....	407
a) <i>As Academias dos Generosos e dos Singulares</i> .....	408
Ausência de espírito crítico e de senso comum .....	410
Sátira do culteranismo na <i>Jornada do Parnaso</i> de Diogo Camacho .....	412
D. Tomás de Noronha e Gregório de Matos .....	417
b) <i>Gramáticos e filólogos</i> .....	418
O humanismo jesuítico .....	419
A sintaxe figurada .....	421
Valor crítico do <i>Hospital das Letras</i> .....	423
Tentativa de bibliografia .....	425
Trabalhos para o vocabulário português .....	425
c) <i>A eloquência sacra</i> .....	426
A liberdade do púlpito comparada com a das comédias .....	426
Censuras do P. <sup>e</sup> Vieira, Manuel Bernardes e Cenáculo .....	427

#### O P.<sup>e</sup> ANTÓNIO VIEIRA

Nasce em Lisboa em 6 de Fevereiro de 1608 .....	429
Frequenta na Baía o Colégio dos Jesuítas .....	429
Professa na Companhia em 1625 .....	429
Prega na corte e entra na confiança íntima do rei .....	430
Planos políticos e missões secretas do jesuíta .....	430
É mandado recolher ao Maranhão em 1650 .....	431
Entra nas intrigas para a deposição de D. Afonso VI .....	432
Preso na Inquisição de Coimbra em 2 de Outubro de 1665 .....	434
Sentenciado em 24 de Dezembro de 1667 .....	434
Vai a Roma e defende os cristãos-novos .....	435
Mandado recolher ao Colégio da Baía em 27 de Janeiro de 1681 .....	435
Seu falecimento em 18 de Julho de 1697 .....	435
Julgamento ante a síntese do seu século .....	435

§ III

HISTORIÓGRAFOS, MORALISTAS, VIAJANTES, EPISTOLOGRAFIA

A história sob o influxo monacal .....	436
<i>a) Cronistas e historiógrafos</i> .....	436
Fr. Bernardo de Brito .....	436
D. Manuel de Meneses .....	437
Fr. António Brandão .....	438
Fr. Luís de Sousa, juízo sobre a <i>História de S. Domingos e Anais de D. João III</i> pelo bispo de Viseu .....	438
— <i>Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires</i> .....	439
Documentos que dissolvem a lenda de Fr. Luís de Sousa .....	441
<i>Jacinto Freire de Andrade</i> .....	442
P. <sup>e</sup> Baltasar Teles, descoberta dos seus plágios.....	443
D. Francisco Manuel de Melo equiparado a Tucídides .....	444
<i>b) Os moralistas</i> .....	445
<i>c) Os primeiros jornais em Portugal</i> .....	446
Manuel Severim de Faria um dos seus iniciadores .....	446
Manuel de Galhegos e Dr. António de Sousa Macedo.....	447
<i>Epistolografia</i> .....	447
Fr. António das Chagas, D. Francisco Manuel de Melo e P. <sup>e</sup> António Vieira.....	447
 <i>CARTAS DA RELIGIOSA PORTUGUESA</i>	
Autenticidade de cinco <i>Cartas</i> .....	448
Documentos descobertos por Luciano Cordeiro que dão luz plena à biografia e autenticam as <i>Cartas</i> .....	450
Conclusão sobre o castelhanismo .....	455